

SILVA FREIRE

— no alpendre  
a rede  
rende a eternidade  
que pende  
do plantão do movimento

CADERNO

9

DE CULTURA  
(POEMA)

as redes

— às tecedeiras da cuiabânia  
— aos capineiros do algodão

grande cuiabá/1974

— a rede lavra  
em curva  
o que cansa  
quando o corpo se deita

— rede lavrada:  
sugestão de curva  
limitada ao tombo

— o rio se lamina de peixe  
na malha da rede  
na palha que encanta  
na tráia/traíra do engano

— recurvo o corpo  
aderna o sêr  
quadriculada a pôse  
que dencansa

— a rede renda de luar  
o balanço da (ré)estória

— no agreste  
rede-de-tráia é varal  
guarnição do morto  
apétalo  
ágrafo  
o frágil passeando/bem morto

— na lavrada  
a varanda  
é lança:  
    espeta  
    o encanto  
do acalanto  
    acalenta  
    o canto  
e o pranto

— a velha redeira tateia  
no desenho  
o engenho  
da solidão

— a trama que une as mãos

— a tecedeira  
fia  
afia  
    seus dedos  
        no fuso  
        do uso  
        no emblema da linha  
        no confuso tear do dinheiro

- no rendado que pende  
rede é faca vazia  
    desfia  
o corte que afia

— na rede  
o embôrco  
é embarque  
na embarcação  
    da sonoite

— na timba  
o curvo uso  
dos corpos:  
    atos  
    fatos  
    fetos  
- revida

— a rede é menina  
no embalo  
do galo  
que estrela  
na testa  
o protesto

— a rede na quina  
do canto  
acama  
o abrigo  
do umbigo  
que murcha

— a rede pende do chão  
arvoredo/algodão  
parafuso  
no gancho  
no punho  
na unha

— na rede  
onde o sonho desconfia  
do lerdo movimento

— rural  
é armar o sono  
ao alcance da rede

— a rede cochila  
no esbarro do esteio  
na crina leve da corda  
na lixa moida do gancho

— a redespreguiça  
o leve do leque  
o longo da linha  
o longe que se enc(olhe)

— a rede arranha  
o silencio  
amacia  
a semente  
no ventre  
no ente  
no quente

— na rede  
o deitado é enredo  
o macio na safra do vento

— na red'-mbira  
o homem fibra  
o anatômico do corpo  
- salmora a carnação do algodão

— na espera  
a rede mata o desespero  
dos gomos teciduais

— a rede no apartamento  
aparta  
o mandamento  
da convivencia

— leve rede  
ventarola se movendo  
ou pente  
rente ao secreto do chão

— rede  
hangar do sem vento  
onde circula o modelo  
que inventa o modo do vôo

— rede de tucum:  
idade vegetal do equilíbrio

— nos braços murchos de nhána  
a rede se enrola  
como bagos de algodão no descaroçador

— a lavanderia  
coage  
o segredo que redemoinha  
na lavagem da rede

— no domingo  
o varandão dorme a tarde  
do redespreguiçamento

— o cavalo textil empluma seu casco  
no galope do fuso  
no arreio das redes  
na redescoberta do pasto

— armadores rangem os dentes  
estabelecem a conversa dos bilros  
— as tecedeiras se ausentam

— a rede acontece  
na terra ofendida  
— se arma de jeito  
na fenda  
na frincha  
no fundo do semen

— da rede o menino  
despenca  
do algo  
da do  
do doe  
do doe.r  
da do .r  
do galho do algodoeiro

— alta noite  
a rede arrea o vago  
que cavalga na varanda

— no alpendre  
a rede  
rende a eternidade  
que pende  
do plantão do movimento

— do nicho noturno  
a criança rega  
o aéreo  
do algodoeiro/ florido de rede

— enredado  
o pensamento é corte  
perfil do forte  
ao saber-se corpo

-- sem eira  
nem beira  
o homem enrola o pano  
da estrada  
tecido nos pés

no casarão  
raizes geográficas  
costuram seu ritmo  
/coreógrafo  
gráfico/  
nos fundos funis de sono  
no ecológico destino da rede

— rede-de-couro-curtido:  
o homem rema  
ata  
e mata  
— arremata o tombo  
do lombo roliço do boi

— no andino  
a naveta  
engaveta  
o pente  
da fiandeira

— na rede  
curso da idéia  
curvo  
custo do uso

— rasga-se a rede  
no esgasgo do sono

— gradeando  
o tear  
recita  
o livre do fio-a-fio  
o junto no apêrto da bateadeira

— no esquadro  
a tramela escritura  
o vertical da horizontalidade

— o moço pechincha na compra  
— o redeiro pechincha no preço  
— a rede se encolbe no timbre que fala

— a rede  
dispara a sensualidade  
do vôo

— no balanço das redes  
um aéreo de vielas retorcidas

— a rede se sociolha  
nos liços de abrir o fio  
maçaroca de novelos  
lavor da cardadeira  
balainho de trancelim  
nos labirintos da entrega

— na rede lavrada  
serpe m os trancelins  
esbarra/esbarrando seu vento  
— íntimo balanço —  
na esteira de pripiri-do-brejo

— a rede socióloga  
socióloga o conflito  
do homem sem leito

— de madrugada  
a rede  
rurbaniza o vir-a-ser

— no ranchão  
a rede  
se orvalha de campocidade

— ... e a rede se fecha  
/rumem/  
ancestralidade da sesta

# o versolivrismo na obra do poeta

A obra brilhante e original de Silva Freire parece-me poder ser considerada um como paradigma da criação artística, segundo o espírito do Modernismo. Nela se vê a realização pura da arte pura, isto é, ela realiza o estético puro escoimado das manifestações heterogêneas e parasitas da realidade extra estética e que constitui impurezas na produção artística tradicional. Para falar em termos de comunicação, pode-se dizer que na obra de Silva Freire se realiza a comunicabilidade da mensagem artística isenta dos "ruidos" que costumam invadir outras obras.

Arte — acepção estética — Em oposição aos ofícios que têm por objeto a produção das coisas úteis, as artes têm por objeto as coisas belas. Os ofícios são afazeres dos artesãos; as artes dos artistas. E neste sentido a obra de Silva Freire é arte genuína. Cantando o lavrador, o vaqueiro, o pescador, o oleiro, a redeira, o atleta, o poeta nos mostra a potencialidade criadora de seu espírito. O trabalho do artista consiste em procurar perceber na matéria, na experiência, nas palavras o caráter de ser essencial do objeto, e visa a imprimir em nós os sentimentos, mais do que exprimi-los. Próprio da arte é dar forma a este mundo de possibilidades que nós trazemos no fundo de nossa consciência; é neste sentido que toda arte é, com justiça, denominada criadora.

A este propósito posso citar estes blocos poemáticos de Silva Freire:

"no campus  
um passarinhar de leituras  
o recuar no salto/ o aflito  
um sorrir na corrida/ em tempo  
registro do aplauso/ no susto do vento"

"na sala-classe  
fino ouvido aflita o convívio  
conflita a memória/ no refletir o conceito

'no canteiro do campus  
florece o mergulho  
— no olímpico do templo" (caderno 6)

Verso livre não significa ausência de ritmo mas criar "o ritmo a cada momento". Pois é o que caracteriza o versolivrismo na obra de Silva Freire, sobretudo uma mudança de atitude: sua unidade de medida deixa de ser a sílaba tradicional e passa a basear-se na combinação das entoações e das pausas. O ritmo decorre, pois, da sucessão dos grupos de força valorizados pela entoação, pela maior ou menor rapidez da enunciação.

Entre os aspectos criativos da poesia de Silva Freire, merece particular menção a inextinguível habilidade com que ele consegue efeitos estético-emocionais inserindo em grupos de verso um relevo especial do timbre vocálico, por exemplo:

" canto  
defrontação  
do ato  
aço  
tato  
" crêspo-ólho-alho  
do azul do olho arando  
espanto  
canto

Aponta-se também nos Modernos a valorização do humor para afugentar a monotonia da vida que é cinzenta. Criam-se novas situações humorísticas, nascidas não de uma visão amargamente irônica ou exageradamente otimista da existência, mas da visão instantânea do mundo e do uso de elementos-surpresa, como, a seguir, nos oferece o poeta:

" cuia  
— meia quantia de qualquer coisa

" espantalho  
— bruta mentira espetando um susto

" jacuba  
— inútil esforço da mastigação  
empapando no canto da boca " (caderno 5)

Outra característica do Modernismo é, pode-se dizer, uma integração poética da civilização material: motores, fábricas, a fumaça, dando-lhe um novo toque, uma nova cor de que se aproveitaram os artistas. A técnica traz consigo o dinamismo nas atitudes da vida, procurando fixar a impressão de cada momento, assim, na concepção silvafreireana:

" campus  
fotogenia de inventos

" no campus  
epígonos da não-violência  
trabalham a engenharia do livro "

Um novo prisma ou uma nova perspectiva da igreja, do rio, do adeus, Silva Freire exterioriza, criativamente:

" igrejinha da colina  
— tão grande / mas nasceu pequenininha...

" adeus  
— galope na estrada  
pa ca tau  
pa ca tau  
pa ca tau

e nunca mais "

Nos Modernos vemos também a vontade de expressar verbalmente ou por escrito o funcionamento real do pensamento. Assim temos em Silva Freire:

“ O estadiO arredOnda  
nO gritO  
nO pulO  
nO urro  
a geOmetria dO gOOOl” (caderno 7)

O poeta deseja, por exemplo, que a realidade seja vulnerável, isto é, modificada, mobilizada, deixando portanto a poesia de ser apenas um canto para se tornar ação, meio de conhecimento. Escreve, buscando descobrir valores dentro do seu próprio eu e procurando dar a esses mesmos valores, objetividade para chegar a uma realidade e provocar um movimento que afete ou atinja o seu espírito e o mundo e facilite a intra comunicação do subjetivo e objetivo. Notamos isso de maneira palpável na arte de Silva Freire:

‘ parteira  
— um vagido esperneia entre dedos de cara feia” ( caderno 5 )

“ vivamente parceiro  
o oleiro  
lê  
na parede compulsória  
o domicílio da sensibilidade”

— “ na enchente o oleiro alisa o segredo  
do degredo aritmético do barro ”

“à tarde/ o oleiro  
aplaina a faina  
e regressa ao encontro  
do encanto do nome ” ( caderno 8 )

Entretanto, aquilo que o artista quer dizer na sua linguagem de imagens não é do domínio específico das palavras. A linguagem das imagens abrange uma zona da vida interior diferente da das idéias das quais se alimentam as palavras. Neste sentido, a respeito da obra do poeta, diz Wladimir Dias Pino:

“ Em Silva Freire, o rigor dos vocábulos, independente do conteúdo, se organiza no espaço conseguindo um dinamismo (condensação ótica) em condição de desprezar a lógica poética tradicional, para adquirir, se não uma autonomia de textos visuais, pelo menos de blocos de múltiplas e simultâneas direções de leitura: física das palavras. A densidade do rigor vocabular conseguida, visualiza a intencionalidade ao articular uma sintaxe insólita, cada vez mais densa, que faz desses blocos engrenagens de palavras em sequência movel de aproximações. Vale dizer, da multiplicidade da continuidade: horizontal (probabilidade da língua) e a dimensão vertical (linguagem lugar geométrico).”

Finalizando, quero citar estes magníficos blocos de Silva Freire, enfeixados em seu CADERNO DE CULTURA N.º. 8:

“ alta noite:  
navega no forno  
um cinzado de matas maduras ”

“ chove no barreiro:  
a olaria acha-se  
enche-se  
água-se de ave ”

“no saldo  
do sal(ário)  
o sol(dador)  
solda o usufruto do corpoleiro”

“ há um dormir de sábado  
na pastagem lunar da olaria ”

ANA LÚCIA F. DALL'ORTO

Aluna do 5º Semestre do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso

## DO MESMO AUTOR

- canção do amor que te quero — poemas — 1º caderno
- rondon: silencio orgânico de flores — poema — 2º caderno
- meu chão... pássaro implume — poema — 3º caderno
- a estrada/rio equilibrio — poema — 4º caderno
- chão/terra/pasto — poema-reportagem — 5º caderno
- campus de universidade/ canto: crespo-olho-alho — poema — 6º caderno
- gOOO/ círculo azul aO sul dO azul — poema — 7º caderno
- os oleiros — poema — 8º caderno
- as redes — poema — 9º caderno

## A PUBLICAR

- giro do couro cru — poema
- cão canavieiro — poema
- lições de praia — poema
- cuiabá/cuiabânia/cuiabaninha — poema-reportagem
- camisa velha — poema
- japa e outros contos regionais — prosa
- fronteira de vidro — poema
- poema em poe de pedra — poemas
- rastro — poema
- espaço em branco — poema
- a janela em si — poema
- metapoema do silêncio
- garimpeiro: instrumento de criação de comunidades rurais — estudo sociológico

para correspondência: travessa joão bento, 377 - cuiabá-mt - 78000

o autor agradece à

- Secretaria de Educação e Cultura da  
Prefeitura Municipal de Várzea Grande